

## O ESPORTE BEISEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PÚBLICA: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA (IM)POSSÍVEL À LUZ DO CURRÍCULO OFICIAL?<sup>1</sup>

*El deporte del béisbol en las clases de Educación Física en las escuelas públicas: ¿Una práctica pedagógica (im)posible a la luz del Currículo Oficial?*

**Diego Faria de Queiroz**

*Universidade São Judas Tadeu<sup>2</sup>*

**Tamara Franco Althman de Queiroz**

*Faculdade Campos Elíseos<sup>3</sup>*

**Resumo:** O objetivo principal deste estudo é relatar uma prática pedagógica docente, na qual houve inserção e apresentação do esporte beisebol para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental durante as aulas de Educação Física (EF), em uma escola pública, seguindo as orientações do Currículo Oficial da Rede Estadual Paulista. A estrutura da unidade escolar (infraestrutura), do professor (experiência profissional), a turma (participação nas aulas) e o esporte beisebol (atividades desenvolvidas nas aulas), foram os quatro aspectos elencados para compreensão da realidade vivenciada. Falta de materiais, desmotivação dos discentes (nas atividades teóricas, principalmente) e o não entendimento da dinâmica do jogo por parte destes, foram algumas das dificuldades enfrentadas. Por outro lado, a motivação e participação nas atividades práticas foram alguns dos fatores positivos. Conclui-se que o conteúdo esporte beisebol pode ser inserido nas aulas de EF, a partir de múltiplas adaptações, e que as orientações curriculares podem contribuir para a problematização desta prática corporal nos espaços públicos de ensino.

**Palavras-chave:** Educação Física; Escola; Esporte; Currículo.

**Resumen:** El objetivo principal de este estudio es reportar una práctica pedagógica docente, en la cual se realizó la inserción y presentación del deporte del béisbol para estudiantes del 9º grado de la Escuela Primaria durante las clases de Educación Física (EF) en un colegio público, siguiendo los lineamientos del Currículo Oficial. La estructura de la unidad escolar (infraestructura), el docente (experiencia profesional), la clase (participación en clases) y el deporte de béisbol (actividades desarrolladas en clases), fueron los cuatro aspectos enumerados para comprender la realidad vivida. La falta de materiales, la desmotivación de los estudiantes (principalmente en las actividades teóricas) y la falta de comprensión de la dinámica del juego por parte de ellos, fueron algunas de las dificultades enfrentadas. Por otro lado, la motivación y participación en actividades prácticas fueron algunos de los factores positivos. Se

<sup>1</sup> Parte deste trabalho foi apresentado no 15º Congresso de Educação Física de Jundiaí (QUEIROZ; QUEIROZ, 2020), e, também, faz parte da dissertação de mestrado do primeiro autor.

<sup>2</sup> [diegofqueiroz@outlook.com](mailto:diegofqueiroz@outlook.com); Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu; Profissional de Educação Física.

<sup>3</sup> [tamaratfa@hotmail.com](mailto:tamaratfa@hotmail.com); Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação pela Universidade Federal Fluminense; Pedagoga.



concluye que, el contenido de béisbol deportivo, en las clases de Educación Física de una escuela pública, dadas las múltiples adaptaciones, puede insertarse con éxito y que las pautas curriculares pueden contribuir.

**Palabras clave:** Educación Física; Colegio; Deporte; Plan de estudios.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, a Educação Física Escolar (EFE) vem passando por transformações no decurso das últimas décadas, encontrando, vez em outra, dificuldade de estabelecer-se no ambiente educacional. As inúmeras tendências, abordagens, parâmetros e diretrizes apontam para o (re)direcionamento das práticas pedagógicas desta subárea e atuação do professorado (BRANDL, 2008).

Os modelos pedagógicos propostos pela Educação Física (EF), antes denominada ginástica, resvalavam na constituição da área, utilizando inicialmente, e de modo prioritário, os conhecimentos advindos da área biológica (SILVA, 2013). O cuidado com a saúde do corpo era explanado numa perspectiva higienista, visando, principalmente, o aprimoramento da aptidão física, na qual as práticas militares sustentavam a ideia de condicionar os soldados para a guerra, e neste aspecto, os exercícios físicos eram essenciais tanto para o corpo quanto para a moral (FERREIRA; SAMPAIO, 2013). Neste período, movimentos gímnicos se fizeram presente de forma ávida, entre eles a calistenia, enfatizados no modo disciplinador e postural, no qual o professor era o detentor dos conhecimentos.

Mas só foi nos anos de 1930 e 1940 que a EFE passou a ser difundida em território brasileiro, impactada, então, pela criação do Ministério da Educação e Saúde. Entre 1941 e 1954, dá-se o início das influências dos esportes na EFE, incluindo a diversificação das atividades, a inserção da dança e da recreação (VALENTE; ALMEIDA FILHO, 2004).

Nesta perspectiva, um novo modelo foi proposto, estabelecendo raízes via o esporte, oficializado nas práticas corporais entre os anos de 1955 a 1960, perfazendo um fator importante na EF (VALENTE; ALMEIDA FILHO, 2004), que além de balizar-se no desenvolvimento do condicionamento físico, também utiliza as habilidades

esportivas na busca pelo *status* de potência esportiva e de supremacia da força e do vigor (BRACHT, 1999).

A associação do esporte com a EF no Brasil é fortalecida entre 1969 e 1974, por conta de uma estratégia do Estado (BETTI, 1991 apud MALDONADO; HYPOLITTO; LIMONGELLI, 2008), passando os militares – época da ditadura no país – a investirem intensamente no esporte, alienando a população, que muitas vezes estava mais preocupada com os jogos esportivos do que com os problemas da nação (MALDONADO; HYPOLITTO; LIMONGELLI, 2008).

Nas escolas, as práticas esportivas eram pautadas no modelo tecnicista, também conhecido como tradicional ou esportivista, buscando a preparação de atletas e excluindo os alunos não habilidosos (SILVA, 2013).

Contrapondo-se este modelo tradicional, o movimento renovador da EF, apoiado nas ciências sociais e humanas, permitiu – ou pelo menos fez aparecer – uma crítica à aptidão física requerida aos alunos nas ações desta disciplina (BRACHT, 1999).

Sobre este movimento, Bracht (2011, p. 14) explica que:

Durante os anos 1980, no contexto de uma ampla movimentação social e política da sociedade brasileira em prol da sua democratização, constituiu-se também no âmbito da comunidade da Educação Física brasileira um movimento, posteriormente denominado de movimento renovador, que na sua vertente progressista fez uma forte crítica à função atribuída até então à Educação Física no currículo escolar. Decorre dessa crítica uma mudança radical do entendimento do conteúdo da Educação Física.

De modo similar, González *et al.* (2013) interpretam o “movimento renovador” como a quebra paradigmática do exercitar apenas pela mecanização da atividade física e a temática da “cultura corporal de movimento” no foco da EF.

Nota-se que a cultura corporal de movimento foi inaugurada oficialmente e de maneira expressiva nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que direcionavam as práticas pedagógicas dos docentes de EFE, com conteúdos dispostos em três grandes blocos, envolvendo esportes, jogos, lutas, ginástica, atividades rítmicas e expressivas e conhecimento sobre o corpo, possibilitando uma maior diversificação de atividades nas respectivas aulas e planejamento (BRASIL, 1997).



Assim como os PCNs que se guiaram do “movimento renovador” (GONZÁLEZ *et al.*, 2013), a fim de romper com o tradicionalismo das ações pedagógicas da EFE, outras abordagens também foram propostas ou incorporadas, entre elas a desenvolvimentista, a construtivista, a crítico-superadora, a crítico-emancipatória, a antropológica e a da saúde renovada (SILVA, 2013). Algumas destas abordagens estiveram em evidência na reforma educacional da década de 90, após promulgada a Lei de Diretrizes da Educação Nacional (LDB), firmando a EF enquanto componente curricular e sua obrigatoriedade na Educação Básica (BRASIL, 1996).

Nos anos seguintes, a criação dos PCNs (BRASIL, 1997, 1998b, 2000a; 2000b) e a gênese do Conselho Federal de EF e seus Conselhos Regionais com a regularização da profissão (BRASIL, 1998a), deram “suporte” para a (re)constituição da “nova EF” em toda a sociedade.

Estas mudanças, de certa forma, motivaram, a criação de currículos próprios das grandes redes públicas, como, com a rede estadual paulista – de onde relato de experiência emergiu. Esta desenvolveu uma proposta curricular que tinha como princípio “[...] promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo” aos discentes (SÃO PAULO, 2008, p. 3), criando, assim, um currículo que fosse norteador e aplicado no trabalho docente em toda a rede de ensino.

A conceituação do termo currículo, portanto, se mostra fundamental e, embora contemple diferentes concepções ao longo da história, a depender do contexto presenciado, no campo da educação “tem o sentido de construir a carreira do estudante e, de maneira mais concreta, os conteúdos deste percurso, sobretudo sua organização, aquilo que o aluno deverá aprender e superar e em que ordem deverá fazê-lo” (SACRISTÁN, 2013, p. 16).

Entretanto, o embate entre a utilização e eficácia do currículo imposto pelos diferentes governos e a perda da autonomia do professor, somado a especificidade da realidade de cada escola, tem sido apontados como os principais pontos negativos, na perspectiva de professores de EF (BRANQUINHO, 2011; MARANI; SANCHES NETO; FREIRE, 2017), demandando, no mínimo, um estado de alerta. Até mesmo na

recente Base Nacional Comum Curricular<sup>4</sup> (BNCC) que traça o currículo mínimo que cada aluno deverá aprender (BRASIL, 2018) a inserção da EF é questionada no documento, pois se afasta do debate atual das práticas pedagógicas da área, apresentando incoerências e inconsistências (NEIRA, 2018).

No currículo do Estado de São Paulo, especificamente no da EF, são apresentadas as habilidades de aprendizagem que se espera que os alunos desenvolvam, dispostas entre os eixos temáticos para o Ensino Médio (EM) e os variados conteúdos em todos os anos escolares, este último estruturado por bimestre. Entre esses conteúdos, está o esporte. Apesar dessas orientações, o referido currículo possui incoerência e inconsistências, sendo mais um documento prescritivo que fixa um sentido único e restrito aos conteúdos lecionados (NEIRA, 2015).

No que lhe concerne, o esporte é considerado um fenômeno mundial, estimulado e valorizado entre os diferentes países, destacado e privilegiado em nossa cultura, praticado em caráter individual ou coletivo, nas modalidades masculinas, femininas e mistas, abrangendo os contextos olímpicos, paraolímpicos, escolares e amadores, mobilizando adeptos nas mais variadas modalidades.

Derivado do ponto de vista sociológico proposto por Barbanti (2006, p. 57) e difundido na sociedade, diferenciando-o de uma atividade física corriqueira, o esporte “[...] é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos”.

Por sua vez, nas aulas de EF na escola, além do autor supracitado, o esporte é entendido como manifestação das práticas mais formalizadas até as menos estruturadas, e podem ser modificadas pelos envolvidos, tratando-se de uma prática social (BRASIL, 2018). Pelo ambiente educacional não prover toda a estrutura para a prática formalizada dos diferentes esportes, incluindo os materiais na maior parte das escolas, de acordo com a BNCC:

---

<sup>4</sup> Embora homologada em 20 de dezembro de 2017, os Estados e Municípios tiveram um tempo para, caso desejassem, elaborarem seus currículos próprios. A exemplo disso, no Estado de São Paulo, o Currículo Oficial do Estado permaneceu vigente até o ano de 2019 (SÃO PAULO, 2012), e a partir de 2020, o Currículo Paulista passou a vigorar (SÃO PAULO, 2019).





As práticas derivadas dos esportes mantêm, essencialmente, suas características formais de regulação das ações, mas adaptam as demais normas institucionais aos interesses dos participantes, às características do espaço, ao número de jogadores, ao material disponível etc. Isso permite afirmar, por exemplo, que, em um jogo de dois contra dois em uma cesta de basquetebol, os participantes estão jogando basquetebol, mesmo não sendo obedecidos os 50 artigos que integram o regulamento oficial da modalidade. (BRASIL, 2018, p. 215).

Outro documento que trata sobre as adequações que o docente pode realizar nas aulas é o Caderno do Professor, criado pelo programa “São Paulo Faz Escola”, que orienta e sugere atividades didáticas pedagógicas com base no Currículo Oficial do Estado (SÃO PAULO, 2014). O documento frisa que as atividades propostas podem ser complementadas por outras práticas, as quais o docente julgar necessárias e pertinentes, a depender do planejamento e da compatibilidade à realidade da escola e dos discentes.

Tendo em vista que os esportes são bem quistos pelos alunos e amplamente utilizados nas aulas de EFE, sobretudo os tradicionais, como, o futebol/futsal (DARIDO, 2004; NASCIMENTO; FORTES; AZEVEDO JÚNIOR, 2010; KERNE, 2014; SILVA, 2016), torna-se fundamental apresentar aos discentes outras práticas da cultura corporal de movimento, ampliando o leque motor, afetivo, social, histórico, cultural, de novas habilidades e competências, incluindo a inserção dos esportes não-tradicionais.

Diante do esboçado até aqui e seguindo os pressupostos das orientações do Currículo Oficial (SÃO PAULO, 2012), este trabalho teve como objetivo principal relatar uma prática pedagógica docente voltada ao esporte beisebol para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental nas aulas de EF em uma escola pública.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e descritiva (GODOY, 1995), consistindo em um relato de experiência datado do segundo semestre do ano de 2019.

Para entendermos a realidade escolar vivenciada, quatro aspectos do contexto situacional foram elencados: 1) estrutura da unidade escolar (infraestrutura, acessibilidade, contingente de alunos matriculados e materiais pedagógicos

**Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, ago./dez. 2021, p. 92-114.**

**Recebido em: 31/12/2020**

**Publicado em: 01/10/2021**

específicos para EF); 2) do professor (experiência profissional, formação acadêmica, regime de trabalho e etapa do ensino que ministrou aulas); 3) a turma do 9º ano (número de alunos, frequência e participação nas aulas e horários das aulas de EF); e 4) o esporte beisebol (atividades desenvolvidas nas aulas de EF, pesquisas e trabalhos em casa).

### **Contexto situacional e o relato de prática pedagógica**

A prática pedagógica foi desenvolvida em uma escola pública estadual de São Paulo, localizada na região metropolitana do estado. Sobre a estrutura da unidade escolar, observamos que a escola é situada em um bairro periférico, funcionando em três turnos: matutino, vespertino e noturno. De acordo com os dados do ano de 2018, em que a escola atendeu 1632 alunos<sup>5</sup> (sendo 52,7% do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais – EFAF, e 47,2% do 1º ao 3º ano do EM), podemos predizer que é uma escola de grande porte. Na época da prática pedagógica em questão, os alunos do EFAF frequentavam a unidade escolar no período matutino e vespertino, enquanto os do EM os períodos matutino e noturno.

Uma quadra poliesportiva coberta, com arquibancada de um dos lados e uma sala de materiais esportivos são os espaços específicos destinados à EF. Alguns materiais utilizados nas aulas de EF são de uso coletivo (cone, colchonete, bola de basquete, corda, bambolê, bomba para bola, poste e rede de voleibol, bastões de cabo de vassoura e uma mesa de tênis quebrada); outros de uso individual (cada professor tem o seu e guarda em um armário com tranca). No início do ano letivo de 2019 foram investidos, pela gestão escolar, alguns insumos para ações nas aulas de EF, sendo: duas bolas de borracha, duas bolas de futsal, duas bolas de voleibol, um conjunto de tênis de mesa com oito bolinhas e duas raquetes. Posteriormente, alguns coletes foram divididos entre os professores da disciplina<sup>6</sup>.

O professor regente das práticas pedagógicas presentes neste relato, traz em sua bagagem acadêmica doze anos de estudo no ensino superior, possuindo, além da Licenciatura em Educação Física em sua formação inicial, o Bacharelado e cursos

<sup>5</sup> Dados acessados da plataforma QEdu.

<sup>6</sup> Entre os professores de EF, naquele momento, três efetivos, em que dois eram da própria escola.



no respectivo campo do saber. Entre esses constam: um aperfeiçoamento, quatro cursos de pós-graduação *Lato Sensu* concluídos e um em conclusão, além de cursar Mestrado em Educação Física (pós-graduação *Stricto Sensu*).

Em sua experiência profissional na área de EF, acumula onze anos dedicados ao ambiente escolar, dos quais oito atuou junto à Educação Básica. Tem passagem por diferentes redes de ensino (estadual [1], municipal [2], ensino privado [1]), trabalhando ao longo do tempo nos diversos níveis de escolaridade (do 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais – EFAI ao 3º ano do EM, inclusive com passagem na Educação de Jovens e Adultos – EJA).

No que diz respeito a turma do 9º ano, 35 alunos<sup>7</sup> compõem o coletivo, advindos das proximidades da escola, sem apresentar alunos retidos em séries anteriores, externando ampla familiaridade entre os discentes, por já estudarem juntos, a maior parte, desde o início deste ciclo de ensino.

Constantemente, a turma mostrava-se insatisfeita e/ou desmotivada com as atividades propostas pelo professor de EF (seguindo as orientações do Currículo do Estado de São Paulo), principalmente relacionadas às atividades teóricas desenvolvidas em sala de aula, trabalhos e pesquisas para casa, ou nas atividades que distanciavam-se das temáticas futebol, vôlei e queimada.

Em diferentes momentos, e de forma rotineira, os alunos relatavam preferir o antigo professor, por permitir, segundo eles, que: realizassem atividades “livres”<sup>8</sup>; frequentassem as aulas de calças *jeans*; jogassem descalços; e, ficassem conversando e/ou mexendo no celular, sem a necessidade de participação ativa e interferência do docente, inclusive sem trabalhos e lições para casa.

Neste cenário, demandava-se maior tempo na explicação das atividades por parte do professor, devido aos empecilhos desencadeados por inúmeras conversas paralelas e em alto tom de voz, atrasos corriqueiros de alunos para o início das aulas e o uso indiscriminado do celular em contexto particular, prejudicando o processo de

---

<sup>7</sup> Este número oscilou conforme a demanda da escola, podendo ser reduzido ou aumentado, a depender de transferência, mudanças de período, de escola, entre outros fatores.

<sup>8</sup> O aluno escolhe o que fazer na aula, cabendo ao professor apenas a administração dos materiais.



ensino-aprendizagem. Para esta turma, as aulas de EF aconteciam no primeiro horário da segunda-feira e no quarto horário da sexta-feira, totalizando duas aulas semanais.

Conforme a escola dispunha de quatro professores de EF, divididos em aulas curriculares e as Atividades Curriculares Desportivas (ACDs), não conciliando os horários de uso da quadra, optou-se, no início do ano pelo rodízio para o uso do espaço esportivo. Neste sentido, a turma do 9º ano desta narrativa, nas aulas das segundas-feiras desenvolviam atividades na sala e as sextas-feiras na quadra, podendo ser alterado esta ordem conforme o tema/conteúdo trabalhado ou pelas questões climáticas. O pátio da escola dificilmente era uma opção, por “alojar”, de forma constante, alunos de diversas salas em “aula vaga”.

Dessa maneira, no 3º bimestre de 2019, seguindo às orientações do Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2014), optou-se em trabalhar nas aulas de EF a unidade temática esporte.

O esporte beisebol foi o objeto de conhecimento, abordando aulas na forma teórica e prática, em um total de 8 aulas, a fim de propiciar as habilidades e competências (Quadro 1) para o respectivo ano (SÃO PAULO, 2012, 2016).

Procuramos identificar, por meio de uma avaliação diagnóstica aplicada aos alunos, os conhecimentos relativos aos esportes de campo e de taco aprendidos ou vivenciados, visto ou sabidos anteriormente, buscando compreender a bagagem cultural sobre o assunto.

O professor realizou, em sala, indagações aos alunos sobre esportes com implementos e de rebatida: *“Mas afinal, o que é rebatida? Quais são as atividades do dia a dia que são de rebatida? Há esportes de rebatida? Vocês já jogaram rebatida no futsal? E o jogo de taco na rua? E o beisebol? Quais são os materiais necessários para a prática do taco e beisebol? Você conhece a regra do jogo de taco e de beisebol?”*.



**Quadro 1**– Competências e habilidades do 3º bimestre para o 9º ano do Ensino Fundamental.

Situações de Aprendizagem	Competência/Habilidade
<b>Experimentando as diferenças entre Jogo e Esporte</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Identificar as diferenças (no espaço, no tempo e nas regras) e as semelhanças (o prazer, a competição e a dimensão lúdica) entre o jogo e o esporte.</li><li>2. Identificar a conduta diferenciada entre o jogador (lazer/não trabalho) e o atleta (rendimento/trabalho).</li><li>3. Identificar o processo de transformação do jogo no esporte (como atividade de lazer ou esporte de rendimento).</li></ol>
<b>Familiarização com o beisebol</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Identificar o objetivo do beisebol e suas principais regras, reconhecendo-as na dinâmica do jogo.</li><li>2. Relacionar a introdução e a disseminação do beisebol no Brasil com seu processo histórico de surgimento e consolidação.</li><li>3. Identificar e caracterizar a dinâmica básica do esporte, em termos de ataque/defesa e funções dos jogadores.</li></ol>
<b>Construção e sistematização do jogo de beisebol</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Identificar e reconhecer os princípios técnico-táticos do beisebol, aplicando-os em situações reduzidas de jogo.</li><li>2. Compreender a dinâmica tática do beisebol, realizando ações de defesa e de ataque.</li></ol>
<b>O beisebol construído</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Identificar e reconhecer os princípios técnico-táticos do beisebol, aplicando-os em uma partida propriamente dita.</li><li>2. Organizar-se de modo crítico e autônomo para realizar uma partida de beisebol, desempenhando todas as funções necessárias para tal.</li></ol>

Fonte: Adaptado da Matriz de Avaliação Processual de Educação Física (SÃO PAULO, 2016, p. 58).

Em uma segunda etapa, os alunos foram orientados a realizarem, por meio de atividades para casa, pesquisas em fontes documentais e midiáticas sobre o contexto histórico do esporte beisebol, as principais regras do jogo, diferenças entre os esportes de rebatida, brincadeiras ou jogos que fazem emprego da rebatida, e assistirem fragmentos de jogos ou jogos completos de beisebol pelo *YouTube*®.

Relacionado a isto, uma lista de filmes e documentários esportivos diversificados, incluindo também filmes do esporte beisebol, foram sugeridos pelo docente aos alunos, visando ampliar o conhecimento, gerar reflexão sobre o impacto dos esportes nas pessoas e sociedade, facilitar o entendimento dos elementos característicos nos diversos esportes e propiciar de forma lúdica o aprendizado. Os filmes estavam disponíveis na plataforma do *YouTube*® ou *Netflix*®, fazendo parte desta lista: “*Duelo de Titãs, Invictus, Um Sonho Possível, Somos Marshall, Rudy, Um*

**Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, ago./dez. 2021, p. 92-114.**

**Recebido em: 31/12/2020**

**Publicado em: 01/10/2021**

*Homem Entre Gigantes, Desafiando Gigantes, Meu Nome é Rádio, Coach Carter: Treino Para a Vida, Iverson, Raça, Coração de Corredor, Um Toque no Coração, Maneyball: O Homem que Mudou o Jogo, Desafio do Destino, Late Life, Gol 1, Gol 2, Gold Stars e Keylor Navas”.*

As atividades de pesquisa para casa eram trabalhadas em sala de aula, por vezes, fixada no quadro negro (lousa) as principais características encontradas pelos alunos e por meio do compartilhamento das informações no círculo de conversas, tratando sobre a influência do esporte no Brasil e no mundo, enfatizando-se o esporte beisebol, tema norteador do bimestre.

Auxiliou, neste processo, o Caderno do Aluno do 3º bimestre (SÃO PAULO, 2019), sugerindo as seguintes atividades: “O que sabemos sobre o beisebol?”, “O jogo de taco ou bets e o jogo de rebatida”, “Conhecendo um pouco mais sobre o beisebol”, “Áreas e divisão do campo, jogadas, pontuações e regras”, “Análise das diferentes brincadeiras/jogos e o beisebol” e os “Principais objetivos ofensivos e defensivos e os aspectos táticos e técnicos do beisebol”.

Em uma das aulas em sala (de segunda-feira), foi exemplificada a dinâmica do jogo de beisebol, utilizando bolinha de papel, estojo no lugar do taco e demarcações dos espaços realizados com giz no chão. Para ampliar o espaço e desenvolvimento da atividade, as carteiras e mesas foram alocadas nas laterais da sala, facilitando o emprego da explicação pelo docente. Possivelmente esta aula tenha sido uma das mais importantes para o entendimento da especificidade do beisebol, unificando a teoria aprendida, até então, com a prática.

Partindo das pesquisas realizadas, rodas de conversas, discussões e apresentação dos principais elementos do beisebol, análises de imagens, tabelas, gráficos e correções dos exercícios do Caderno do Aluno, foram propostas aulas para o desenvolvimento das ações reais<sup>9</sup> da prática do beisebol.

Na quadra da escola, os alunos organizaram-se em duas equipes com aproximadamente 15 alunos cada, divididos entre time sem colete e com colete (azul e amarelo), com equiparação de habilidade técnica e sem divisão dos sexos. Pela

<sup>9</sup> Entende-se que as atividades adaptadas, bem como seus materiais podem contribuir para a compreensão do esporte beisebol.



ausência de materiais específicos do esporte beisebol, foi proposto inicialmente o jogo “base quatro”, utilizando uma bola de futsal, quatro cones para marcação das bases (Imagem 1) e fita crepe para demarcações das linhas de arremesso e rebatida.

**Imagem 1**– Utilização de cones para delimitar o espaço de jogo.



Fonte: Os autores.

As regras foram adaptadas aos materiais e seguiam a dinâmica do beisebol, exceto: a) o(a) lançador(a) poderia lançar a bola com a mão ou chutar com o pé, ambos executados de forma rasteira e sem quicar; b) o(a) rebatedor(a) poderia apenas encostar na bola, não precisando executar o chute, desde que não fosse a bola lançada atrás da demarcação de rebatida; c) quando houvesse uma rebatida seguido de uma corrida, o aluno deveria encostar a mão no cone da base para estar “salvo”; d) não haviam linhas laterais que determinassem a saída da bola quando executada pelo rebatedor, e) não houve alternância entre as equipes nas entradas (*inning*); f) a posição de lançador(a) poderia ser trocada de acordo com a necessidade da equipe; g) as equipes de defesa e ataque eram compostas por mais jogadores do que um jogo oficial; h) o espaço de jogo tinha a metragem aproximada de 13 metros de comprimento por 11 metros de largura; entre outras modificações que se fizeram necessária durante o andamento do jogo, identificadas pelo professor ou aluno.

Foi possível observar a dificuldade dos alunos em entender e executar a dinâmica do jogo nas primeiras rodadas. Os meninos mostram-se mais competitivos, e algumas meninas, embora estivessem participando da aula, em muitos momentos pareciam não querer desenvolver a atividade proposta. Com o passar das jogadas, a turma foi interessando-se mais pelo jogo (base quatro), compreendendo melhor a

**Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, ago./dez. 2021, p. 92-114.**

**Recebido em: 31/12/2020**

**Publicado em: 01/10/2021**



dinâmica, incluindo táticas, tanto defensivas quanto ofensivas para neutralizar ou pontuar (Imagem 2).

**Imagem 2**– Alunos do time de defesa tentam pegar a bola e eliminar o corredor do time de ataque.



Fonte: Os autores.

Em um segundo momento, na semana seguinte, uma proposta semelhante foi trabalhada, com alteração apenas dos materiais do lançador(a) e rebatedor(a), substituídos por uma bolinha e uma raquete de tênis de campo, material este de uso pessoal do docente (Imagem 3). Porventura, as regras desta atividade também foram modificadas: (1) o(a) estudante que lançava a bola tinha que permitir, em sua trajetória, ao menos dois quiques no chão, oportunizando ao rebatedor(a) maior chance de encostar na bola; e (2) as rebatidas executadas que ocasionassem saída da bola pela linha limítrofe do jogo (após a linha lateral ou de fundo), eram consideradas nulas (*foul ball*).

O processo avaliativo pautou-se na Matriz de Avaliação em Processual (SÃO PAULO, 2016), por meio da experimentação das atividades do esporte beisebol, nas pesquisas realizadas fora da escola e apresentadas em sala, no preenchimento do Caderno do Aluno, nas discussões no círculo de conversa, na correção coletiva dos exercícios, enfatizando, em alguns momentos os aspectos teóricos (o saber conceitual) e, noutros, os práticos (o saber fazer).



**Imagem 3**– Aluno rebatedor acerta a bola com o “taco” (raquete de tênis).



Fonte: Os autores.

## DISCUSSÃO

Pela unidade educacional situar-se em um bairro periférico, problemas enfrentados pela comunidade escolar podem prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, a imagem da escola e da própria comunidade, pois de acordo com Ávila (2006), de modo generalizado e de forma pejorativa, as pessoas associam a violência e a criminalidade aos moradores destes locais. No dicionário<sup>10</sup>, bairro periférico é o distanciamento de uma dada região (bairro) com o centro da cidade, tendo a população um nível econômico baixo.

Nível econômico esse que também atinge a disponibilidade dos materiais pedagógicos da escola, pois encontram-se demasiadamente limitados para ações das aulas de EF, dificultando o processo de ensino, evidenciado em outros estudos da EFE (NOVAIS; AVILA, 2015; MALDONADO; SILVA, 2017; KRUG *et al.*, 2018). Apesar disto, o professor apresentou propostas e adaptou materiais e espaços para ministrar da melhor maneira possível o conteúdo proposto, a fim de que os alunos alcançassem as competências e habilidades referenciadas na Matriz de Avaliação Processual (SÃO PAULO, 2016), à luz do Currículo Oficial do Estado (SÃO PAULO, 2012).

Dentre os materiais pedagógicos utilizados pelo docente, o recurso pedagógico por meio de filmes, apesar de ser sugerido como atividade para casa por conta da

<sup>10</sup> Consulta feita no dicionário livre Wikcionário, disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/perif%C3%A9rico>. Acesso em: 26 ago. 2021.

impossibilidade do mesmo ser executado durante as aulas regulares na escola, se tornou um aliado no desenvolvimento de ensino, tendo em vista que a utilização desta metodologia aproxima a realidade escolar e os jovens estudantes, colaborando com a assimilação dos conteúdos pelos discentes (PETARNELLA *et al.*, 2009; OLIVEIRA; SUGAYAMA, 2014).

Nota-se, pois, que a formação e atuação do referido professor, é sobressalente, e que este perfaz capacitação contínua por meio de cursos, corroborando com Freitas *et al.* (2016). Em sua pesquisa de revisão sistemática sobre a formação continuada de professores de EF, Freitas *et al.* (2016) detectaram que a maior parte dos participantes nos estudos analisados estão centralizados na Educação Básica e vinculados ao ambiente da escola. Entretanto, os autores mostram que a formação continuada é apartada da realidade presenciada nas escolas, algo que pode não ser transferível para a prática docente.

Ainda que estratégias, metodologias e capacitação docente estivessem sendo praticadas, houve empecilhos na ministração das aulas, circundados sob a desmotivação muito forte pelos discentes em diferentes momentos, ou seja, falta de disposição em realizar as tarefas, em especial, as de cunho teórico nas atividades para casa e entre as meninas na parte prática.

Sobre os aspectos motivacionais em alunos do 9º ano, Dutra *et al.* (2016) identificaram que o esporte futebol e as atividades de integração de todos os alunos da turma são os preferidos. Já os aspectos desmotivadores, segundo os mesmos autores, destacam-se negativamente o esporte handebol e inúmeras razões, tais como: quando não sabem jogar, por errarem muito, por não se identificarem com determinada atividade, pela baixa participação dos demais colegas, pelas atividades possuírem muitas regras, entre outros.

Nos apoiando em Dutra *et al.* (2016), possivelmente a motivação encontrada nos alunos do 9º ano neste relato está atrelada às experiências anteriores, na qual o aluno está à vontade e confiante, ou seja, já domina os conhecimentos/habilidades do jogo, enquanto para os alunos desmotivados este processo é invertido.

Tendo isso como base, nas atividades propostas do esporte beisebol, percebe-se uma tentativa de valer-se de diferentes estratégias de ensino por parte do professor, para avivar o ânimo dos alunos e cumprir de forma satisfatória o Currículo



Oficial. Atrelado a isto, houve o emprego de situações didáticas de cunho procedimental, atitudinal e conceitual que, segundo Silva *et al.* (2018), proporciona sentidos e significados para o aprendiz e mestre, fornecendo dados que contribuem para a reestruturação e ascensão das ações pedagógicas.

De maneira generalizada, acredita-se que os esportes mais populares do contexto social brasileiro (BETTI, 1995) e o desinvestimento pedagógico de professores de EF em ciclos anteriores (MACHADO *et al.*, 2010), podem justificar a recusa dos alunos nas atividades do esporte beisebol. Outro possível motivo pode estar associado ao esporte beisebol não ser convencional no Brasil, apesar de largamente difundido, segundo Fukuda e Stanganelli (2004), nos Estados Unidos, em países da América Central, e em alguns países europeus como Itália, França, Holanda e Rússia.

Por assim ser, as atividades pedagógicas voltadas aos esportes de rebatida, a exemplo do beisebol, podem ainda não permear entre os favoritos na EFE. Porém, alguns relatos de experiências (JABOIS; MARQUES, 2019; MALDONADO; JABOIS; NEIRA, 2019) evidenciam uma inovação pedagógica neste objeto de conhecimento, fugindo do tradicionalismo instaurado na EF na escola (FARIA *et al.*, 2010).

Em sugestão a aquisição dessas novas habilidades não populares da manifestação do esporte nas aulas de EF, Grellmann e Centurião Junior (2019), Queiroz e Queiroz (2019) apresentaram relatos de práticas pautadas no atletismo na modalidade de lançamento de dardo e no Futebol de 5, respectivamente, não ficando à mercê de aulas expositivas, corriqueiramente vistas na EFE, quando se trabalha esportes/modalidades não convencionais, fazendo, o professor, uso de uma organização didático-pedagógica que permita alcançar as habilidades e competências requeridas ao alunado em determinado ano escolar.

Por fim, além da inclusão de um esporte não-tradicional nas aulas de EFE, as aulas ministradas viabilizaram a participação de todos os alunos, sem distinção entre os sexos, os gêneros e as habilidades desportivas, fugindo do tecnicismo e modelo esportivista, que já esteve vinculado a essa prática (SILVA, 2013), algo que vai de encontro com preconizado no do componente curricular em questão.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se, pois, que as práticas da cultura corporal refutadas pelos alunos podem não representar necessariamente a desmotivação na proposta pedagógica do professor, e que as orientações do Currículo Oficial possivelmente contribuem no planejamento docente, embora muitas situações do cotidiano escolar tenham que ser adaptadas - principalmente o espaço, atividades de aula e materiais. Conclui-se que as intervenções e mediações durante as aulas, por parte do professor, impactam diretamente na construção coletiva de conhecimento e que, provavelmente, a experiência docente e a sua busca constante na formação continuada tenham encargos positivos no processo de ensino-aprendizagem.

Vislumbramos ainda que, conforme o esporte tradicional está enraizado fortemente nas aulas de EFE e que o abandono do professor deste componente curricular é visto corriqueiramente, tentativas que partem na contramão destas posturas tendem a ser de alta dificuldade e aceitação pelos discentes, e de maior perseverança docente ao insistir para que o ensino e aprendizagem se façam presentes.

Em suma, o conteúdo do esporte beisebol, ofertado na aula de EF regular em uma escola pública, dadas as múltiplas adaptações, pode ser inserido no plano de aula do educador, estimulando o aprendizado de habilidades, regras e dinâmica de jogo que normalmente não fazem parte da cultura corporal brasileira e da cultura escolar, oportunizando a ampliação da vivência prática, teórica e reflexiva sobre as ações que vão além do jogar, extrapolando os limites da aprendizagem predita no Currículo Oficial.

Aspectos cooperativos e de trabalho em equipe, respeito ao adversário, o entender a dificuldade e limitação do outro e a própria, criar estratégias que possibilitem a participação ativa de cada membro da equipe e tolerância às diferenças, são alguns desses exemplos que foram notados no decurso das aulas. Ou seja, as competências socioemocionais tais como autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável, embora não contempladas na Matriz de Avaliação Processual do ano escolar relatado, sucederam-se em todos os momentos do processo didático, por intermédio da relação professor-aluno, aluno-professor e/ou aluno-aluno.



## REFERÊNCIAS

ÁVILA, M. P. “**Periferia é periferia em qualquer lugar?**” **Antenor Garcia**: estudo de uma periferia interiorana. 2006. 112f. Dissertação (Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1507>. Acesso em: 08 dez. 2019.

BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 11, n. 1, p. 54-58, 2006. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/833>. Acesso em: 6 abr. 2021.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 01, p. 25-31, 1995. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/959>. Acesso em: 08 dez. 2019.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0101-32621999000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-32621999000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 08 dez. 2019.

BRACHT, V. Dilemas no cotidiano da educação física escolar: entre o desinvestimento e a inovação pedagógica. **Salto para o Futuro**, v. 21, n. 12, p. 14-20, 2011. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/dilemas-cotidiano-educacao-fisica-escolar-entre-o-desinvestimento-e-inovacao-pedagogica/>. Acesso em: 08 dez. 2019.

BRANDL, C. E. H. A educação física escolar: houve mudanças significativas nas últimas décadas? **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 7, n. 13, p. 87-89, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/1958/1728>. Acesso em: 08 dez. 2019.

BRANQUINHO, R. S. **Currículos apostilados**: o professor de educação física da escola pública do estado de São Paulo frente ao novo paradigma educacional. 2011. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9609>. Acesso em: 08 dez. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 13 abr. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998**. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física, 1998a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm). Acesso em: 28 out. 2019.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, ago./dez. 2021, p. 92-114.

Recebido em: 31/12/2020

Publicado em: 01/10/2021



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em 14 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Parte I – Bases Legais. MEC: Brasília, 2000a, 109 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. MEC: Brasília, 2000b, 71 p. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf). Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997, 96 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998b, 114 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551>. Acesso em: 06 abr. 2021.

DUTRA, R. P. *et al.* Desmotivação nas aulas de Educação Física, segundo relatos de estudantes do 9º ano. **Revista Didática Sistêmica**, v. 18, n. 1, p. 70-78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/6518>. Acesso em: 08 dez. 2019.

FARIA, B. A.; BRACHT, V.; MACHADO, T. S.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, U. R.; ALMEIDA, F. Q. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas. **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, Valladolid, v. 12, p. 11-28, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3217498>. Acesso em: 08 dez. 2019.

FERREIRA, H. S.; SAMPAIO, J. J. C. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde. **Lecturas Educacion Física y Deportes**, ano 18, n. 182, 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 08 dez. 2019.

FREITAS, D. C.; PEREIRA, M. P. V. C.; ROSA, A. I.; TRUSZ, R. D.; FARIAS, G. O. Formação continuada de professores de Educação Física. **Corpoconsciência**, Cuiabá v. 20, n. 3, p. 9-21, 2016. Disponível em:



<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/4419>. Acesso em: 08 dez. 2019.

FUKUDA, O.; STANGANELLI, J. Beisebol. *In*: DaCOSTA, L (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2004. p. 307-307. Disponível em: [https://www.unifac.edu.br/images/materiais\\_de\\_apoio/2018/ed\\_fisica/atlas\\_esporte\\_brasil\\_2013.pdf](https://www.unifac.edu.br/images/materiais_de_apoio/2018/ed_fisica/atlas_esporte_brasil_2013.pdf). Acesso em: 08 dez. 2019.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://rae.fgv.br/rae/vol35-num2-1995/introducao-pesquisa-qualitativa-suas-possibilidades>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E.; RISTOW, R. W.; GLITZ, A. P. O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**, v. 15, n. 2, p. 1-16, 2013. Disponível em: <https://www.efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFv15n02a03>. Acesso em: 08 dez. 2019.

GRELLMANN, D. D. L.; CENTURIÃO JUNIOR, N. Lançamento de dardo na escola: é possível? **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 33, n. 12, supl., 2019, p. R-139. Disponível em: <https://seminarioefescolar.wordpress.com/anais/>. Acesso em: 08 dez. 2019.

JABOIS, D. P.; MARQUES, B. G. Narrativas descritivas envolvendo o uso de bastão e/ou implemento nas aulas de Educação Física Escolar: refletindo sobre possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 33, n. 12, supl., 2019, p. R-44. Disponível em: <https://seminarioefescolar.wordpress.com/anais/>. Acesso em: 08 dez. 2019.

KERNE, F. Futebol feminino na escola na perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 6, n. 22, p. 278-284, 2014. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/249>. Acesso em: 06 abr. 2021.

KRUG, H. N.; KRUG, M. R.; KRUG, R. R.; CASSIANO, T. As dificuldades na prática pedagógica de professores de Educação Física na Educação Básica na percepção da gestão escolar. **e-Mosaicos**, v. 7, n. 14, p. 122-137, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/31052>. Acesso em: 08 dez. 2019.

MACHADO, T. S.; BRACHT, V.; FARIA, B. A.; MORAES, C.; ALMEIDA, U.; ALMEIDA, F. Q. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129-147, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/10495>. Acesso em: 08 dez. 2019.

MALDONADO, D. T.; JABOIS, D. P.; NEIRA, M. G. Organização didático-pedagógica das aulas de educação física na educação básica. **Conexões**, v. 17, p. e019016, **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, ago./dez. 2021, p. 92-114.

Recebido em: 31/12/2020

Publicado em: 01/10/2021

2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654674>. Acesso em: 08 dez. 2019.

MALDONADO, D. T.; HYPOLITTO, D.; LIMONGELLI, A. M. A. Conhecimentos dos professores de Educação Física sobre abordagens da Educação Física Escolar. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 7, n. 3, p. 13-19, 2008. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1484>. Acesso em: 08 dez. 2019.

MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. S. Prática pedagógica do professor de Educação Física na escola: dificuldades percebidas por uma equipe escolar na cidade de São Paulo. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 26-38, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/42114>. Acesso em: 08 dez. 2019.

MARANI, L.; SANCHES NETO, L.; FREIRE, E. S. O currículo da Educação Física na rede municipal de Barueri: as percepções dos professores. **Movimento**, v. 23, n. 1, p. 249-264, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.65265>. Acesso em: 08 dez. 2019.

NASCIMENTO, D. E.; FORTES, M. O.; AZEVEDO JUNIOR, M. R. Educação Física, calça *jeans* e botas: um estudo focado na fuga de alunos e alunas nas aulas de educação física escolar. **Revista Didática Sistemica**, edição especial, p. 94-104, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1738>. Acesso em: 6 abr. 2021.

NEIRA, M. G. Análises dos currículos estaduais de Educação Física: inconsistências e incoerências percebidas. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 233-254, 2015. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/340>. Acesso em: 11 jul. 2021.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001>. Acesso em: 08 dez. 2019.

NOVAIS, N. R. S.; AVILA, M. Análise dos recursos físicos e materiais às aulas de educação física em escolas públicas estaduais em Ilhéus, Bahia. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 14, n. 02, p. 32-42, 2015. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/6460>. Acesso em: 08 dez. 2019.

OLIVEIRA, S. J.; SUGAYAMA, S. Educação Física Escolar: filmes como recurso didático. **Cadernos PDE**, Paraná, v. 1, p. 1-11, 2014. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_ufpr\\_edfis\\_artigo\\_sandro\\_jose\\_de\\_oliveira.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_edfis_artigo_sandro_jose_de_oliveira.pdf). Acesso em: 29 jul. 2021.

PETARNELLA, D.; VENDITTI JÚNIOR, R.; MARTINS, L. T.; VENDITTI, A. C. A utilização de filmes como recurso didático nas aulas de Educação Física Escolar.



**Lecturas Educacion Física y Deportes**, ano 14, n. 139, 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd139/a-utilizacao-de-filmes-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 29 jul. 2021.

QUEIROZ, D. F.; QUEIROZ, T. F. A. O esporte beisebol nas aulas de Educação Física na escola pública: uma prática pedagógica (im)possível à luz do Currículo Oficial? **Pulsar**, Jundiaí, v. 12, n. 3, supl. especial, p. 35, 2020. Disponível em: [http://pulsar.esef.br/images/stories/arquivos/pdf/revista/suplemento/anais\\_congresso\\_2020.pdf](http://pulsar.esef.br/images/stories/arquivos/pdf/revista/suplemento/anais_congresso_2020.pdf). Acesso em: 31 dez. 2020.

QUEIROZ, D. F.; QUEIROZ, T. F. A. Resignificando o conteúdo esporte: inserção do futebol de 5 nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 33, n. 12, supl., p. R-43, 2019. Disponível em: <https://seminarioefescolar.wordpress.com/anais/>. Acesso em: 08 dez. 2019.

SACRISTÁN, J. G. O que significa o currículo? In: SACRISTÁN, J. G. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013. Cap. 1, p. 16, 17, 19. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=V4MFBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA3&ots=YIJY6ldWRZ&sig=qisqcoxQsZtYv1OuCWYLCRFEKG8&redir\\_esc=y%20-%20v=onepage&q&f=false#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=V4MFBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA3&ots=YIJY6ldWRZ&sig=qisqcoxQsZtYv1OuCWYLCRFEKG8&redir_esc=y%20-%20v=onepage&q&f=false#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 08 dez. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**, 2. ed. São Paulo, 2012. 260 p. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/782.pdf>. Acesso em 13 abr. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Paulista**. São Paulo, 2019. 525 p. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/sites/7/2019/09/curriculo-paulista-26-07.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo: caderno do professor; educação física, ensino fundamental – anos finais, 8º série / 9º ano, vol. 2**, Nova Edição 2014-2017. São Paulo, 2014. 81 p.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Matriz de avaliação processual: arte e educação física, linguagens; encarte do professor**. São Paulo, 2016. 76 p. Disponível em: <https://www.pebsp.com/matrizes-de-avaliacao-processual/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2008. 36 p. Disponível em: [http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/portais/18/arquivos/propostacurriculargeral\\_internet\\_md.pdf](http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/portais/18/arquivos/propostacurriculargeral_internet_md.pdf). Acesso em: 05 jun. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **São Paulo Faz Escola: caderno do aluno. Ensino fundamental, 9º ano, 3º bimestre**. São Paulo, 2019, p. 101-112.

**Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, ago./dez. 2021, p. 92-114.**

**Recebido em: 31/12/2020**

**Publicado em: 01/10/2021**



SILVA, A. C. **Educação física no ensino médio**: a percepção dos estudantes sobre as aulas. 2016. 70f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa *Stricto Sensu* de Pós-graduação em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, 2016. Disponível em: [https://www.usjt.br/biblioteca/mono\\_disser/mono\\_diss/2017/383.php](https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2017/383.php). Acesso em: 7 abr. 2021.

SILVA, S. A. P. S. (Org.). **Portas abertas para a Educação Física**: falando sobre abordagens pedagógicas. São Paulo: Phorte, 2013. 208p. Disponível em: <https://www.livrariaflorence.com.br/produto/livro-portas-abertas-para-a-educacao-fisica-falando-sobre-abordagens-pedagogicas-silva-129549>. Acesso em: 08 dez. 2019.

SILVA, V. T.; SILVA, B. A. T.; MELO, L. F.; NISTA-PICCOLO, V. L. Avaliação na educação física escolar: um estudo com professores da rede pública do estado de São Paulo. **Conexões**, Campinas v. 16, n. 1, p. 2-16, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8649716>. Acesso em: 08 dez. 2019.

VALENTE, E. F.; ALMEIDA FILHO, J. M. História da Educação Física, esporte, dança e lazer. In: DaCOSTA, L (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2004. p. 678-687. Disponível em: [https://www.unifac.edu.br/images/materiais\\_de\\_apoio/2018/ed\\_fisica/atlas\\_esporte\\_brasil\\_2013.pdf](https://www.unifac.edu.br/images/materiais_de_apoio/2018/ed_fisica/atlas_esporte_brasil_2013.pdf). Acesso em: 08 dez. 2019.

